

# Dança Do Ventre e o Preconceito

## **Introdução:**

Apesar de não poder se comprovar ao certo a data e local do surgimento da Dança do Ventre, historiadores, egiptólogos e autores acreditam que há 6000 anos, na região compreendida como Egito, praticavam-se cultos a deusas como Nut, Isis e Hátor, onde a música o canto e esta dança estavam presentes. Nestes rituais, exclusivamente femininos, as mulheres realizavam movimentos ondulatórios com a pélvis que simbolizavam o parto, além de acrobacias.

Com o passar dos séculos verificou-se que a Dança do Ventre foi sendo modificada e o conceito de algumas pessoas em relação às bailarinas mostrou-se deturpado, gerando, até mesmo por falta de conhecimento cultural da dança, um preconceito infundado.

## **Desenvolvimento:**

De acordo com artigos pesquisados há dois fatores principais responsáveis por uma compreensão limitada da dança: Orientalismo e a mídia atual, que serão explanados mais adiante. Faz-se necessário o esclarecimento da influência desses fatores para o entendimento do quão errôneo é esse preconceito, que de acordo com relato de muitas bailarinas, dificulta o trabalho e desmoraliza sua profissão.

Apesar de a dança no Antigo Egito ter sido considerada sagrada, a invasão dos árabes foi fator determinante para a vulgarização de sua arte, algumas sacerdotisas foram vendidas como escravas e muitas delas, além de mulheres de outras nações, eram confinadas em palácios. Essas passavam a ser denominadas *Awalim* e serviam de entretenimento de seus senhores, não apenas sexual, mas também através do canto, recitando poesias, falando sobre filosofia e realizando apresentações de dança. As *Awalim* eram consideradas mulheres extremamente cultas, que se apresentavam apenas para seus senhores ou em festas da elite.

Além das *Awalim*, existia ainda um grande grupo de mulheres que praticavam a *Raqs Sharqui*, nome original da dança, esse grupo era formado pelas *Ghawazee*.

As *Ghawazee* eram ciganas que utilizavam a dança, muitas vezes, como forma de lucro para manterem os templos a seus deuses considerados pagãos pelo islamismo. Sua dança expressava mais alegria e despojamento do que a dança das *Awalim*, usavam desenhos tribais nos rosto, lenços de moedas, cabelo pintado de rena e trajes tipicamente folclóricos. Entre relatos de soldados napoleônicos, atualmente registrados na Internet é possível encontrar trechos sobre a dança das *Ghawazee*:

*“todas elas têm o poder de mover qualquer parte do corpo livremente, tal como algumas pessoas conseguem mover só as orelhas; e é fantástico como elas agitam todos os músculos da maneira mais violenta e rápida durante horas, estremecendo da cabeça aos pés como se estivessem eletrificadas, sem mostrarem o mínimo de fadiga e, o que é mais incrível, sem uma gota de suor.”*

Em meados do século XIX até o começo do século XX ocorreu o Orientalismo que se acredita tenha sido iniciado com a expedição napoleônica ao Egito em 1789. Este foi um movimento generalizado de artistas, estudiosos e autores que estudavam o “Oriente”: Índia, Ásia Central e Oriente Médio. É crédito deles a visão que possuímos hoje do oriente, que foi retratado como uma terra exótica, primitiva, de cultura atrasada, coberta de erotismo. Autores como Flaubert,

Emma Bovary e Frédéric Moreau retrataram o oriente envolto em fantasias sexuais.

*“...seus desejos conscientes aparecem facilmente em sus devaneios envoltos em clichês orientais: haréns, princesas, príncipes, escravos, véus, dançarinas e dançarinos...” (SAID, 1999 p.263).*

Acostumados com a postura ereta, sobre a ponta dos pés das bailarinas européias e americanas, os orientalistas surpreenderam-se com a dança árabe feminina. Nos livros, poemas e quadros a sensualidade sutil foi retratada com erotismo exagerado.

Com a grande quantidade de soldados das tropas de Napoleão, no Cairo, as Ghawazee procuravam entretê-los com sua dança, além de verem neles clientes em potencial. Em 1834, por pressões religiosas e políticas, o governador Mohammed Ali proibiu as performances da dança nas ruas. Desrespeitando essa lei, mais de 400 Ghawazee foram decapitadas. Nessa mesma época, várias Awalim e outras bailarinas começaram a migrar para a Europa e principalmente para os Estados Unidos.

A Belly dance, como ficou conhecida a dança do ventre nos EUA, foi moldada para palco. Técnicas de Ballet, Jazz e dança moderna foram incorporadas à dança. Profissionais como Ruth St. Dennis dedicaram-se a incorporar aspectos da dança do ventre a modalidades de dança por elas praticadas. Inúmeras bailarinas árabes acabaram por se basearem no estilo criado por Ruth, tal qual a sua influência no mundo da dança. Não apenas na composição técnica a dança se estruturou, as roupas, maquiagem, penteados adquiriram aspectos hollywoodianos. Sua divulgação na América começou principalmente em casas noturnas e teatros. Porém foi durante a Exposição Mundial em Chicago no ano de 1892 que a dança do ventre foi divulgada para o ocidente. Nesta exposição cada país apresentava seus aspectos culturais, o Egito por sua vez mostrava a música

e as bailarinas de ventre exposto, que dançavam com bastante energia e animação.

A partir de 1920 o cinema egípcio começa a ser rodado, tendo a dança do ventre como elemento essencial em suas produções. Esses filmes eram utilizados apenas como atrativos turísticos para os países orientais, já que, mesmo hoje, a dança voltada para o entretenimento é mal vista pela maioria dos árabes. Esses filmes tornaram-se popularmente conhecidos no ocidente, onde também começaram a ser produzidos tendo como tema o oriente médio e a dança.

Samia Gamal é uma das dançarinas que participou de diversos filmes nos EUA, França e Egito. Dentre eles, destaca-se 'Ali Babá e os 40 ladrões' (Ali Baba et les quarante voleurs, França, 1954) do diretor francês Jacques Becker. Naima Akef, na década de 30 participou de inúmeros filmes egípcios. Fifi Abdoul, Taheya Carioca, Najua Fouad entre outras são bailarinas que ficaram famosas em sua época e hoje são lembradas como ícones da dança do ventre.

Acredita-se que durante essa época é que a mídia começou a exercer forte influência sobre o entendimento da dança do ventre, assim como a faz nos dias de hoje.

*“Um reforço do mundo eletrônico pós- moderno é que houve um reforço dos estereótipos pelo quais o Oriente é visto. A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia têm forçado a informação a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados” (Said, 1999p.58).*

É possível afirmar que a televisão tornou-se mais inimiga do que aliada na divulgação cultural do oriente e da dança do ventre, de acordo com a citação de Jorge Sabongi, proprietário da casa de chá Khan el Khalili . *“Desista de encontrar dança do ventre de qualidade na TV!O sistema está travado: ou você vê iniciantes, sem o menor preparo, ou apresentações torpes, fruto de produções leigas e míopes no assunto, peritas na banalização e desejosas de aumentar Ibope via exploração do corpo feminino”*. É perceptível que em uma apresentação de dança do ventre na televisão, raramente é feita uma entrevista com a bailarina sobre os estudos da dança do ventre e a base cultural presente nela. Se a entrevista é

feita, as perguntas baseiam-se na estética, como é comum a seguinte indagação: “é verdade que dá barriguinha? “ .

A televisão procura explorar os melhores ângulos do corpo da bailarina, ignorando sua expressão facial e interpretação musical “*A dança torna-se uma atração comum e medíocre nos programas de variedades*” diz Jorge Sabongi . A finalidade principal da mídia que é de informar , muitas vezes se perde, e o público deixa de conhecer o aprendizado pelo qual a bailarina passou. Percebe-se que atualmente várias escolas de dança do ventre possuem uma grade de estudos sobre danças folclóricas de tribos do oriente médio, ritmos musicais árabes e acessórios da dança como: espada, pandeiro, snuj (pequenos címbalos de metal), punhal, jarro, flores, entre outros, cada qual com seus respectivos significados. Atualmente já é possível realizar até mesmo curso técnico em dança, reconhecido pelo MEC, com especialização em dança do ventre. Constantemente fusões entre estilos de danças são feitas e ensinadas às alunas: Países como EUA oferecem cursos de especialização nessa arte e a quantidade de escolas cresce progressivamente.

### **Conclusão:**

Com base na pesquisa feita conclui-se que o preconceito com a Dança do Ventre talvez não possa ser totalmente erradicado, mas a base para sua diminuição está na informação. É prudente que a bailarina divulgue seu trabalho de forma simplesmente profissional ou como entretenimento, sem dar margem a conceitos deturpados. Ela deve transmitir ao público sentimento e respeito por essa arte para refletir numa reação positiva que seja extensiva a todas as praticantes da Dança do Ventre.

Cada bailarina pode deixar sua contribuição para que o preconceito seja eliminado, repassando seus conhecimentos e suas experiências a outras, sempre com o intuito de mostrar a arte da dança num todo, sem que essa arte seja vulgarizada pelas pessoas que desconhecem a sua verdadeira essência.